



Píndaro, *Pítica 2*: introdução, tradução e notas

Pindar, *Pythian 2*: introduction, translation, and notes

Ricardo Tieri de Brito¹

<https://orcid.org/0000-0001-8918-048X>

ricardo.brito@alumni.usp.br

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v12i2.65128>

RESUMO: Neste trabalho, apresenta-se uma tradução anotada da *Pítica 2* de Píndaro, epinício composto para celebrar uma vitória do tirano Hierão de Siracusa na quadriga. Na introdução, discute-se a polêmica em torno da datação da ode, controversa desde a antiguidade, e reaquecida há dois séculos por Boeckh (1821), além de considerações sobre a estrutura do poema e dos critérios que nortearam sua tradução para o português brasileiro. O poema traduzido é municiado de notas explicativas que buscam dar conta das dificuldades textuais do original grego e fornecer informações históricas, mitológicas e literárias relevantes para a interpretação do epinício.

PALAVRAS-CHAVE: Píndaro; epinício; lírica grega; tradução.

ABSTRACT: This work presents an annotated translation of Pindar's *Pythian 2*, an epinician ode celebrating the tyrant Hieron of Syracuse's victory in the chariot race. The introduction addresses the longstanding controversy over the dating of the ode, debated since antiquity and revived two centuries ago by Boeckh (1821). It also discusses the poem's structure, and the criteria used for its translation into Brazilian Portuguese. The translated poem includes explanatory notes that address the textual difficulties of the original Greek and provide relevant historical, mythological, and literary information for interpreting the epinician ode.

KEYWORDS: Pindar; Epinician Poetry; Greek Lyric; Translation.

¹ Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP).



1. Introdução²

Gênero poético que se destina à comemoração da vitória atlética, o epinício surgiu paulatinamente na segunda metade do século VI AEC³ e experimentou seu apogeu e desaparecimento no início do período clássico. Entre seus expoentes está o poeta tebano Píndaro, cujo *corpus* preservado de 45 odes nos fornece, juntamente com os epinícios completos de Baquilides, um retrato da aristocracia grega quando a supremacia da *pólis* se estabeleceu e os grupos aristocráticos passaram a exercer sua sociabilidade em ambientes disciplinados — as competições dos jogos pan-helênicos.

Destinados à performance em comemorações comunitárias, quando cantado em coro, ou na privacidade dos simpósios, ambiente de convívio por excelência das camadas elevadas da cidade grega, os epinícios tornaram-se um veículo importante para a promoção de elites políticas, em especial os tiranos da Sicília, que juntamente com as famílias dos jovens pancratistas e pugilistas de Egina constituem os dois grupos mais relevantes de comitentes da poesia de Píndaro.

Originária de Gela, na Sicília meridional, e continuando o legado de seus antecessores, os tiranos Cleandro e Hipócrates, a dinastia dos Deinomênidas adquiriu a supremacia de Siracusa nos anos 480, o que criou um império territorial que se estendeu por boa parte da porção oriental da ilha⁴. A manutenção de seu *status* político, a instável posição dos líderes carismáticos da teoria sociológica de Max Weber⁵, exigiu, no entanto, uma série de estratégias de legitimação — visando a rotinização da dominação carismática — que incluiu a movimentação de grandes contingentes populacionais, a refundação de cidades, a construção de templos monumentais e a promoção do regime, tanto internamente quanto na Grécia balcânica, e da qual o epinício é uma das manifestações mais duradouras.

Este trabalho apresenta uma tradução anotada da *Pítica 2*, epinício que celebra o êxito atlético do tirano Hierão de Siracusa, o mais prolífico dos *laudandi*⁶ de Píndaro, cujas quatro odes foram

² Este artigo foi elaborado durante a vigência de projeto de pesquisa de mestrado financiado pela FAPESP (Proc. n. 22/11066-1). Agradeço aos professores Dr. Christian Werner, Dra. Giuliana Ragusa, Dr. C. Leonardo B. Antunes e Dr. Gustavo H. M. Frade, pelos comentários e sugestões a versões anteriores do texto.

³ Todas as datas citadas neste artigo são situadas AEC, à exceção daquelas em que se informe o contrário.

⁴ Cf. Luraghi (1994) para uma apreciação detalhada da história da dinastia.

⁵ Weber (2012). Cf. Mann (2001) para uma análise aprofundada da tirania grega sob o prisma da Teoria da Dominação de Max Weber.

⁶ Emprega-se a terminologia consagrada por E. Bundy (cf. 1986) nos seus *Studia Pindarica*, de 1962. *Laudandus* é o sujeito ao qual o elogio se dirige, laudator, o seu autor. (cf. Miller, 2019, p. 13).

transmitidas em sua integridade até nossos dias⁷. Sucessor de Gelão, o primeiro tirano Deinomênida de Siracusa, Hierão participou nas competições equestres em Olímpia e Delfos, além de patrocinar a ida de associados próximos, parte importante da sustentação do regime, às competições, ainda que em modalidades menores⁸.

1.1 Ocasão

A *Pítica 2*, dedicada a celebrar uma vitória de Hierão de Siracusa na quadriga, é considerada uma das odes mais difíceis e enigmáticas do *corpus* pindárico. Como assevera Gentili (2006, p. 43), essa reputação se deve, em parte, a dois problemas de natureza extratextual que têm confundido os estudiosos desde a antiguidade: a data e a ocasião do epinício.

A polêmica tem origem na omissão, por Píndaro, do local de vitória, um dos *datii indispensabili* à proclamação do sucesso atlético. Sem paralelos no conjunto de epinícios do poeta tebano — trata-se da única vez em que o Píndaro é silente a respeito do festival no qual se venceu a coroa louvada na canção —, a falta da informação era objeto de especulações já entre os alexandrinos. O escoliasta (*Schol. Pind. P. 2, inscr.*)⁹ enumera a opinião de seis gramáticos (cf. tabela 2) a respeito da ocasião da vitória de Hierão na quadriga. Isso inclui, por exemplo, a posição de Timeu, para quem o poema era um canto sacrificial (*thysiaстикῆ*), e a de Calístrato, sucessor de Aristófanes de Bizâncio, que o classificou como uma *Olímpica*.

Gramático	Espécie/ Ocasão
Timeu	<i>thysiaстикῆ</i>
Calímaco	<i>Nemeia</i>
Amônio	<i>Olímpica</i>
Calístrato	<i>Olímpica</i>
Apolônio Eidógrafo	<i>Pítica</i>
Dionísio Faselita	<i>Panatenaica</i>

Tabela 1: hipóteses de atribuição da *Pítica 2* conforme o (*Schol. Pind. P. 2, inscr.*), cf. Drachmann (1910, p. 31)¹⁰.

⁷ O. 1 e P. 1 a 3.

⁸ Cf. Morgan (2015, p. 71) para um quadro completo da participação de membros da dinastia em competições atléticas pan-helênicas.

⁹ Provavelmente Dídimo, defende Irigoin (1953, pp. 73–74).

¹⁰ Cf. Pfeiffer (1968, p. 130) para uma discussão da classificação da P. 2 como uma das *Nemeias*. Embora Irigoin (1952, p. 44) tenha atribuído a Aristófanes a colocação do epinício entre as *Píticas*, é mais provável que ela tenha sido feita por Apolônio Eidógrafo, como o próprio escoliasta registra (Gentili, 2006, p. lxxviii).

Dentre os comentadores modernos, a controvérsia em torno da datação da ode e sua ocasião de performance permanece. Gantz (1978), em um importante estudo sobre o mito de Ixião na *Pítica 2*, dividiu os comentadores em quatro grupos (cf. tabela 2, *infra*)¹¹, cujas hipóteses têm como *terminus post quem* o início do reinado de Hierão em Siracusa (478/7), e *terminus ante quem* a vitória o tirano na quadriga nos Jogos Olímpicos de 468 e seu posterior falecimento em 468/7¹².

477	475 – 1	470	468
Boeckh, 1821, p. 240-254.	Wilamowitz-Moellendorff, 1901, p. 1294-1317.	Wilamowitz-Moellendorff, 1922, p. 285-296.	Drachmann, 1890, p. 441-449.
Croiset, 1876, p. 83.	Fraccaroli, 1901, p. 395-396.	Schadewaldt, 1928, p. 67-74.	Robertson, 1924, p. 127-129.
Mommsen, 1846, 69-74.	Schroeder, 1902, p. 356-373.	Gundert, 1935, p. 86-88.	Coppola, 1931, p. 140-154.
Fennell, 1879, p. 142-151 e 1893, p. 158-159.	Jebb, 1905, p. 192.	Burton, 1962, p. 111-134.	Bowra, 1937, p. 1-28.
Mezger, 1880, p. 49-54.	Puech, 1922, p. 35-40.	Mann, 2001, p. 249.	Finley, 1955, p. 92-96.
Gildersleeve, 1885, p. 253-267.	Farnell, 1932, p. 118-134.		Gantz, 1978, p. 14-26.
Gaspar, 1900, p. 75-76.	Von der Mühl, 1958, p. 215-221.		Young, 1983, p. 47-48.
Oates, 1963, p. 377-389.	Méautis, 1962, p. 131-138.		Gentili, 2006 [1995], p. 47.
Duchemin, 1967, p. 23-32.	Ferrari, 2012, p. 163-167		Bonanno, 2010, p. 186.
Ruck & Matheson, 1968, p. 125-136.			
Carey, 1981, p. 21-23.			
Most, 1985, p. 65-67.			
Morrison, 2007, p. 94.			
Morgan, 2015, 173-175.			

Tabela 2: opinião dos comentadores modernos quanto à datação da *Pítica 2*, elaborada a partir de Gantz (1978, p. 15), aumentada e atualizada com referências a trabalhos publicados depois de 1978¹³.

¹¹ Cf. Gantz (1978) para uma discussão aprofundada sobre a datação da *Pítica 2*.

¹² Gentili (2012, p. 44).

¹³ À exemplo do que fez o próprio Gantz (1978, pp. 14–15, n. 2), omitiu-se opiniões de estudiosos que, a despeito de discutirem a datação do epinício, não emitem uma opinião a respeito da polêmica, como é o caso de Lefkowitz (1976), que prefere uma vitória em um *agôn* siracusano, e Kirkwood (1982), que não se compromete com uma data específica.

A primeira corrente, liderada pela opinião de Boeckh (1821, pp. 240–254), favorece uma datação mais recuada no tempo, próxima da intervenção siracusana no conflito entre Locros Epizefírios e Régio (c. 477), mencionada alusivamente na abertura do epinício (*P.* 2.18–20).

Segundo o estudioso alemão (Boeckh, 1821, p. 240), não fosse o evento tão recente, Píndaro teria mencionado outros feitos militares do tirano, como a batalha de Cumas em c. 474. A cronologia estabelecida por Boeckh leva em conta as informações que constam nos escólios à *Pítica* 2 (*Schol. Pind. P.* 2.35c–38), à *Olímpica* 2 (*Schol. Pind. O.* 2.29d)¹⁴ e a notícia de Diodoro Sículo (*Diod.* 11.49)¹⁵, que narram, respectivamente, o envio de Crômio, cunhado de Hierão, em socorro aos lócrios, o conflito entre Hierão e Polízalo pela sucessão de Gelão¹⁶ e a morte de Anaxilau de Régio no primeiro ano da 76ª Olimpíada. Segundo essa interpretação, portanto, a composição do poema necessariamente deveria se situar no começo do reinado de Hierão, tendo como data *ante quem* o falecimento do tirano de Régio e Messene¹⁷.

A hipótese de uma vitória tebana, dentro da cronologia estabelecida por Boeckh¹⁸, foi acompanhada por Mommsen (1846, p. 69), seguida por Croiset (1876, p. 83) e pela maioria da literatura posterior aderente à posição¹⁹. Gaspar (1990, pp. 75–76), em seu clássico estudo sobre a cronologia das odes de Píndaro, acolhe os argumentos de Boeckh, observando que Hierão em nenhum momento nesta ode é cognominado *basileús*, título utilizado na *O.* 1, de 476 (*O.* 1. 23), mas *prýtanos kýrios* (*P.* 2. 58), o que indicaria o início do reinado do tirano. Boeckh (1821, p. 250) também acredita que o *Kastóreion* “em cordas eólicas”, mencionado por Píndaro (*P.* 2.69), seja a própria *Pítica* 2, parte do contexto religioso tebano e do culto aos Dióscuros.

Contra essa posição, Gantz (1978, p. 18) observa que o tom “afrito” da ode e sua possível relação com intrigas palacianas na corte de Hierão tornam difícil defender que se trata de um epinício que marca o início da relação entre *laudator* e *laudandus*. Para além disso, o exemplo mítico

¹⁴ Para a edição dos escólios aos epinícios de Píndaro, cf. Drachmann (1997a e 1997b).

¹⁵ Cf. Oldfather (1946) para o texto de Diodoro.

¹⁶ O relato coletado pelo escoliasta é de Timeu (*FGrH* 566 F 93b). Para *Die Fragmente der griechischen Historiker* (*FGrH*), cf. Jacoby (1954–1959).

¹⁷ Boeckh (1821, p. 243) situa o conflito entre o fim do terceiro ano e o início do quarto ano da 75ª Olimpíada. O falecimento de Anaxilau teria ocorrido no quarto ano da 75ª Olimpíada (477/76). O texto de Diodoro (*Diod.* 11.49) é explícito quanto à ocorrência do evento no primeiro ano da 76ª Olimpíada.

¹⁸ Diz Boeckh (1821, p. 243): “É realmente surpreendente que todos os intérpretes, tanto antigos quanto modernos, tenham negligenciado uma coisa tão simples; mas Píndaro, sendo tebano, sempre tinha os jogos tebanos em mente. Se você seguir minha explicação, verá que as palavras “ὅμιν ἐπεμψα πάντων ἀπὸ Θηβῶν,” colocadas no início do poema e, portanto, muito significativas, contêm um significado muito mais profundo do que simplesmente indicar que o poema foi enviado de Tebas por Píndaro: não duvide que houve competições de quadrigas em Tebas. Lembro-me do elogio aos carros tebanos e ao entusiasmo pelos carros tebanos (*Introd. ad Olymp.* IV. et *Explicatt. ad Olymp.* VI, 82 *sqq.*); especialmente o hipódromo tebano em Pausânias IX, 23, 2. Este está próximo ao estádio de Iolau, famoso pela habilidade nos carros, de onde me parece claro que essa vitória foi obtida nos Iolaia ou Heracleia (*v. ad Olymp.* VII, 77 *sqq.*).” As traduções dos excertos citados neste artigo são de minha autoria, exceto quando se informe o contrário.

¹⁹ Oates (1963) e Ruck & Matheson (1968) concordam com a datação, mas não aderem à hipótese na *Iolaia* tebana.

de Ciniras, que serve de moldura à interpretação da alusão à donzela lócride, aponta para a longa duração da gratidão, o que sugeriria uma datação mais afastada, e não próxima, do teatro de guerra.

Mais recentemente, Morgan (2015, pp. 173–175) é uma das comentadoras que prefere a hipótese de uma datação mais recuada. Para ela, a *Pítica 2* estabelece uma espécie de “poética da realeza”: por meio da poesia, Píndaro enuncia as qualidades ideais de um bom governante, e manipula as diversas formas de discurso, da invectiva ao elogio, além de retratar Hierão como uma figura superlativa, sábio em julgamento e objeto da boa vontade dos deuses. O mito de Ixião, nesse contexto, seria um contraponto às figuras positivas elencadas nos exemplos míticos, como Ciniras e Radamanto. A posição de Morgan é tributária da análise estrutural do poema levada a cabo três décadas antes por Most (1985), que também favorece uma datação próxima de 477, e uma vitória em Tebas²⁰.

A segunda corrente, inaugurada por Wilamowitz-Moellendorff (1901, pp. 1294–1317), situa a composição após a visita de Píndaro a Siracusa (476), mas anterior à vitória de Hierão na quadriga dos Jogos Píticos de 470 (louvada na *P. 1* e em *B. 4*)²¹. Gantz divide os proponentes dessa datação em dois grupos: um que fixa a composição do epínicio em 475, em data mais próxima dos eventos bélicos em Locros Epizefírios²²; e outro que prefere situá-la em uma data posterior a 474, associando o tom da ode a uma espécie de retratação de Píndaro pelas observações derogatórias sobre a tirania na *Pítica 11* e o louvor de Atenas no famoso ditirambo aos atenienses (frag. 75–77)²³. Gantz (1978, p. 18) considera a hipótese sedutora, mas como a primeira corrente, exige uma vitória em uma competição menor, o que não combinaria com o tom da ode, que se abre com a exuberante invocação a Siracusa, além da “loa superlativa” a Hierão (*P. 2.60 ss.*) no segundo elogio ao vencedor.

A terceira corrente identificada por Gantz (1978, pp. 16–17) é fruto da mudança de posição de Wilamowitz-Moellendorff (1922, pp. 285–296), que na sua afamada monografia *Pindaros* reavaliou a posição expressada em 1901, favorecendo uma datação mais tardia, a mesma da *Pítica 1*. Segundo essa concepção, a primeira das *Píticas* serviria ao elogio público do tirano, apresentada em um festival em comemoração à fundação de Etna e à vitória na quadriga de Hierão, ao passo que a *Pítica 2* seria uma espécie de elogio privado. Como assevera Gantz (1978, p. 17), a clara vantagem dessa posição é a manutenção do ordenamento das *Píticas* transmitido pela tradição manuscrita.

²⁰ Cf. Most (1985, pp. 65–67).

²¹ Wilamowitz-Moellendorff (1901, p. 1300) ainda acrescenta que o tom da ode pode indicar uma datação após a morte de Terão de Ácragas, em 471, quando Hierão de Siracusa torna-se o poder incontestado na Sicília grega após derrotar Trasídeu, filho e sucessor do tirano acragantino, e ter vencido a disputa com Polízalo, genro do próprio Terão, pela sucessão do trono siracusano.

²² A ausência de alusões à doença renal de Hierão também influi na preferência por 475. Schoroeder (1902) e Van der Mühl (1958) são aderentes dessa posição.

²³ Wilamowitz (1901), Farnell (1932) e Méautis (1962) são aderentes dessa posição.

Drachmann (1890, pp. 441–449), fundador da quarta corrente identificada por Gantz (1978, p. 17), situa a composição após a fundação de Etna e provavelmente destinada à celebração da vitória olímpica de Hierão na quadriga, em 468²⁴. Aderente à mesma datação e publicado anos depois da descoberta do papiro do Museu Britânico²⁵ que trouxe à luz partes mais substanciais do *corpus* de Baquilídes, o estudo de Bowra (1937) põe em contraste a intertextualidade entre os epínícios dos dois poetas, reavivando a tese, já ventilada entre os escoliastas²⁶, da rivalidade entre eles. Para Bowra (1937, p. 16), a menção ao macaco (*P. 2.72–73*) é uma clara alusão ao poeta de Ceos, que sistematicamente teria copiado Píndaro em vários epínícios. Gantz (1978, p. 19) considera essa datação mais provável, porém sugere que a hipótese de Bowra teria mais peso se o mito de Ixião fosse analisado com mais profundidade. Para o estudioso, o protagonista do mito é uma alusão ao próprio tirano.

Young (1983), em estudo centrado nas *Píticas* 2 e 3, insurge-se com a tese, ventilada por Wilamowitz-Moellendorff (1922, pp. 280, 283 e 285–287), de que os dois poemas são “epístolas poéticas”²⁷, gênero sem atestação na poesia grega arcaica²⁸. No caso da *Pítica* 2 a classificação é ainda mais problemática, pois a canção claramente se enuncia como destinada a louvar uma coroa conquistada na quadriga²⁹, omitindo apenas o local da vitória.

Drachmann (1891, pp. 189–190) compartilhava da opinião de que o poema não era um epínício, tese acompanhada por Bowra (1964, p. 135ss.), que como Wilamowitz-Moellendorff classifica os dois poemas como “epístolas poéticas”, embora de natureza distinta. A hipótese, classificada por Young (1983, p. 45), como “cheia de conjecturas infundadas e de biografia perdida”, pressupõe que o epínício oficial da vitória de Hierão de Siracusa na quadriga dos Jogos Olímpicos de 468 era o de Baquilídes (*B. 3*), e que Píndaro, enfurecido, enviou a *Pítica* 3 sem ser solicitado. Como nota Young (pp. 45–46), o argumento de Bowra é “patentemente falso”, já que a prática de comissionar mais de um epínício para uma mesma vitória não é inédita na relação entre o poeta e o *laudandus*: o *Epínício* 5 de Baquilídes e a *Olímpica* 1 de Píndaro dizem respeito ao mesmo evento, o *kélēs* dos Jogos Olímpicos de 476, o que se repete com a coroa na quadriga dos Jogos Píticos de 470

²⁴ Drachmann (1890, p. 448).

²⁵ *British Library, P. Lond. inv. 733*. Cf. Maehler (2003, p. 28ss.) para uma apreciação sumária da história da transmissão do texto baquilideano.

²⁶ *Schol. Pind. P. 2.131a*.

²⁷ A mesma opinião foi ventilada por Ruck & Matheson (1965, p. 182): “em seus aspectos mais amplos, o poema modificou a estrutura do epínício pela adição, no final da terceira tríade, de uma elaborada coda, uma série de metáforas surpreendentes e de rápida mudança. Píndaro parece estar se justificando contra a possível acusação de ingratitude. A defesa é enigmática, talvez na tentativa de atravessar os círculos de bajuladores da corte e alcançar diretamente o ouvido de seu patrono que, como Radamanto, o sábio juiz, entenderá a mensagem. Não se pode imaginar uma apresentação pública de um poema dessa natureza, e o epínício aqui é aparentemente uma epístola literária”.

²⁸ Young (1983, p. 32).

²⁹ Young (1983, p. 42).

(*B. 4* e *P. 1*). Desse modo, no que tange à ocasião da vitória, a coincidência entre *B. 3* e *P. 2* não pode ser descartada de plano³⁰. Em suma, a hipótese de Young propõe uma reorganização das Olímpicas, com a *Pítica 2* à testa do livro, que passaria a começar, de acordo com a hierarquia de prestígio das modalidades atléticas, por uma vitória na quadriga, e não no *kélēs*, como a tradição manuscrita nos legou.

1.2 Breve sinopse do epinício

Composta em metro eólico, a *Pítica 2*, tem quatro tríades, nas quais as estrofes e antístrofes têm oito versos e os epodos nove. O proêmio (vv. 1–12), em forma de hino, abre-se com uma invocação a Siracusa, cognominada de “terra sacra de Ares” e louvada pelas qualidades bélicas. O poeta anuncia trazer a canção desde Tebas — um “motivo de chegada”, com a notícia da vitória de Hierão na quadriga, conquistada com a assistência de três divindades: Ártemis, Hermes e Posidão.

Em seguida, um priamel de tipo “sumário” (vv. 13–20), no qual uma declaração geral de variedade, introduzida por *állois...állos*³¹, é seguida por dois exemplos específicos: Ciniras e Hierão, entremeados por uma *gnômē*, aplicável a ambos. A primeira tríade termina com a introdução do contraexemplo de Ixião (vv. 21–24), que aprisionado na própria armadilha que havia preparado para Hera, aconselha os mortais a recompensarem seus benfeitores. O mito de Ixião ocupa toda a segunda tríade do epinício (vv. 25–48): a paixão dele por Hera (vv. 25–30), a dupla natureza de suas transgressões (vv. 30–33), o engano e punição engendrados por Zeus (vv. 34–41) e sua união com a Nuvem, o nascimento de Centauro, e a progênie desse com as potras da Magnésia (vv. 42–48).

A terceira tríade se abre com uma *gnômē*, de valor transicional, que reflete sobre o poder realizador da divindade, que pune os presunçosos e premia os virtuosos (vv. 49–52). A passagem gnômica é seguida de uma reflexão sobre as poesias de invectiva e de louvor (vv. 52–56), que contrapõe o fazer poético de Arquíloco ao da própria *persona loquens*, o que serve de mote para a introdução do segundo elogio de Hierão (vv. 57–67), centrado na sua riqueza e honra (vv. 57–61) e em seus sucessos militares e prudência (vv. 62–67). No fim do epodo (v. 67) o verbo *khaíre* põe fim à seção propriamente encomiástica do poema e dá início a uma coda epilógica de caráter didascálico-parenético³². A canção é comparada a uma “mercadoria fenícia” (v. 67) pelo poeta, que pede a

³⁰ Com um argumento semelhante, Gentili (2006, p. 47) prefere situar a vitória celebrada na *Pítica 2* entre 470 e 468, em Delfos ou Olímpia, respectivamente, já no final da vida de Hierão. O apelo dessa hipótese reside no fato de vincular a datação da ode às duas únicas coroas pan-helênicas documentadas do tirano na quadriga.

³¹ “ἄλλοις δέ τις ἐτέλεσεν ἄλλος ἀνὴρ λευαχέα βασιλεῦσιν ὕμνον ἄποιν’ ἀρετᾶς”, “Para cada rei, outros varões compuseram l sonoros hinos como recompensa pela excelência”, *P. 2.13–14*, tradução minha, *infra*.

³² Gentili (2006, p. 51).

benevolência de Hierão para com o *Kastóreion* enviado (v. 69)³³.

O exemplo de Radamanto é invocado no início da quarta estrofe: seu juízo imaculado o impede de ser enganado pelos promotores de calúnias (vv. 72–78), comparados às raposas e de quem a *persona loquens* se diferencia (vv. 79–80), como a cortiça se diferencia do resto da rede, pois permanece na superfície. O uso da primeira pessoa nesta última tríade é “indefinido” ou “geral” (vv. 79–80 e 83–85)³⁴. O epílogo do epinício contém várias metáforas fabulísticas, nas quais se verifica o uso de animais para representar o comportamento humano: o macaco e as crianças (vv. 72–73), a raposa (v. 77ss.), o cão (v. 82), o lobo (v. 84) e a besta de carga, talvez um boi (vv. 93–96)³⁵. O final do poema é marcado por uma série de considerações políticas; nele são postas em relevo as virtudes do bom cidadão, o que Miller (2018, pp. 118–119) classificou como uma espécie de “espelho para os príncipes”.

1.3 Estrutura

Aplicando-se a metodologia da análise da forma do epinício proposta por Hamilton (1974), obtém-se um diagrama estrutural da *Pítica 2* (cf. tabela 3, *infra*), no qual entende-se por X, Y e Z as três partes do epinício: abertura (X), mito principal (Y) e fechamento da ode (Z); por I, II, III e IV suas quatro tríades, numeradas (1–3, estrofe, antístrofe e epodo); por M, mito; EM, exemplo mítico; EN, estrutura de nomeação (identificação do vencedor, pátria, modalidade esportiva, local dos jogos); LV, o louvor do vencedor; LP, o louvor da pólis; OL, outros louvores (membros da família, treinador, condutor do carro); LE (louvor a Egina, apenas para as odes de vencedores eginetas); G, *gnômē*, máxima, provérbio — e G3 um conjunto de três *gnômai* intercaladas —; MP, múnus do poeta, tarefa do poeta; MPf: múnus do poeta e fórmula de fecho (*Abbruchsformel*)³⁶; IP, invocação poética e; PF, prece para o futuro.

³³ Cf. nota ao v. 69 na tradução, *infra*.

³⁴ Cf. Miller (2018, p. 305).

³⁵ Cf. Most (1985, 122ss.).

³⁶ Cf. Schadewaldt (1928, p. 268).

X)	I 1	IP LP (Siracusa) – MP (venho de Tebas) – EN (Hierão) – LV (Hierão, protegido por Ártemis).
	I 2	LV (Hierão, protegido por Hermes e Posidão) – G (para cada rei, outros poetas) – EM (Ciniras).
	I 3	G (agradecimento pelos favores) – LP (gratidão da donzela lócride) G (M, frase repetida por Ixião).
Y)	II 1	M (Ixião, amor por Hera, castigo).
	II 2	G. (a cada um, sua medida) M (consórcio de Ixião com a Nuvem).
	II 3	M (descendência da Nuvem, Centauro, potras da Magnésia).
Z)	III 1	G (divindade impõe limites) – MPf (fugir da maledicência) – G (riqueza com sabedoria).
	III 2	LV (poder de Hierão) – MP (metáfora náutica) – LP (audácia).
	III 3	LV (valor e inteligência) – MPf (envio-te o <i>kastóreion</i>) – Exortação (recepção benevolente) – G (mostra-te como tu és, após ter aprendido quem és).
	IV 1	EM (Radamanto) – G3 (fugir das calúnias).
	IV 2	G3 (varão franco).
	IV 3	G3 (jugo) – PF (que eu agrade os bons e confraternize com eles).

Tabela 3: organização estrutural da *Pítica 2* de acordo com Hamilton (1974, p. 91).

2. Do texto

A tradução da *Pítica 2* se baseia, majoritariamente, no texto estabelecido por Snell & Maehler (1987). Eventuais emendas sugeridas por outros editores, e acatadas na tradução, estão devidamente referenciadas nas notas explicativas.

3. Dos critérios da tradução

Ao verter para o português a *Pítica 2* em versos livres, a fluência e a legibilidade no idioma falado no Brasil foram os princípios norteadores. Ao mesmo tempo, a escolha de uma elocução elevada em nossa língua visa reproduzir, dentro do possível, o efeito solene e às vezes de “estranheza”, que a linguagem empregada por Píndaro, fértil no uso de termos poéticos e hápax, produz na audiência de espectadores, leitores e estudiosos desde a Antiguidade. O léxico de base utilizado na tradução foi o de Slater (1969).

O uso de neologismos não dicionarizados foi explicitamente evitado na tradução de epítetos, hápax ou tradicionais, optando-se, na maior parte das ocorrências, pela hifenização dos vocábulos como um recurso de destaque do qualificativo. Esta opção, que pode parecer incoerente com a *poikília* pindárica, visa não povoar a tradução de palavras formadas por aglutinação ou justaposição, tornando o texto ainda mais arcano do que o próprio original.

O verso como “unidade mínima constitutiva do poema” (Torrano, 2015) procurou ser respeitado, à exceção dos casos em que a sintaxe do texto original não pudesse ser reproduzida no idioma de chegada. O deslocamento do verbo principal, e por vezes do sujeito, para o final dos períodos, visa a construção de um *crescendo* de expectativa no original grego, destinado a ser cantado em coro, que é difícil de reproduzir em português de forma natural. Em vista disso, a numeração dos versos na tradução é apenas indicativa da localização aproximada dos versos na edição de Snell & Maehler (1987), facilitando assim, a consulta ao texto grego.

A tradução foi anotada com vistas a esclarecer os principais problemas textuais do original grego, as controvérsias na literatura em torno de determinadas passagens da ode, além de oferecer informações históricas, mitológicas e literárias que contribuem para um melhor entendimento da *Pítica 2*.

A transliteração dos vocábulos gregos para o alfabeto latino neste trabalho observa o previsto nas *Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo* elaboradas por Anna Lia do Amaral de Almeida Prado³⁷.

4. Tradução anotada

2ª Ode Pítica

Para Hierão de Siracusa, vencedor na quadriga

Grandiosa pólis³⁸, ó Siracusa, têmemo³⁹
de Ares imerso-na-guerra⁴⁰, divina nutriz
de varões e corcéis exultantes-no-ferro,
a vós, desde a brilhante Tebas⁴¹, trago esta

Estr. 1

³⁷ Cf. Prado (2006).

³⁸ Ao qualificar Siracusa, Píndaro faz uso do epíteto *megalopólies*, também presente no verso inaugural da *P. 7*, referindo-se a Atenas (*hai megalopólies Athânai*). O escólio 1a da *P. 2* (Drachmann, 1997, p. 32) reproduz a narrativa tradicional segundo a qual Árquias unificou as pólis de *Achradínē*, *Neápolis*, *Epípolai* e *Týchē* na *megalópolis* Siracusa (Cingano, 2006, p. 365). Estudos arqueológicos demonstram que a cidade se expandiu a partir de um povoamento localizado na ilha Ortígia, fundado no século VIII, em direção ao continente, especialmente durante a tirania de Gelão, com a fundação dos subúrbios de *Achradínē*, *Neápolis* e *Týchē* em antigas áreas de necrópole (De Angelis, 2016, p. 102), atingindo posteriormente *Euríalos*, no extremo ocidental do planalto de *Epípolai* (Evans, 2016, p. xvi).

³⁹ *Témenos*: o vocábulo refere-se à parcela do território da pólis destinada à divindade, o que incluía as edificações de culto e seu entorno. Com a imagem, o poeta sinaliza que toda a extensão de Siracusa é consagrada a Ares (Carey, 1981, p. 24).

⁴⁰ Traduziu-se o epíteto de Ares, *bathypólemos* por “imerso-na-guerra”. O vocábulo, um *hápax* pindárico, é construído por aglutinação do adjetivo *bathýs* e do substantivo *pólemos*, o que implica um envolvimento profundo na atividade guerreira.

⁴¹ Motivo de “chegada”: “O “motivo de chegada” (*arrival motive* no original inglês) sempre se refere à chegada da presente canção ao seu destino contratual ou em alguma cena imaginada invocada pela própria ode na execução do seu *khrēos*” (Bundy, 1986, pp. 27–28).

canção⁴², notícia da quadriga sacode-terra⁴³,
com a qual venceu Hierão, o de bom carro, 5
e cingiu Ortígia⁴⁴ com fúlgidas coroas,
sede da Ártemis fluvial⁴⁵; não foi sem ela⁴⁶
que dominou com mãos gentis
as éguas de rédeas variegadas⁴⁷.
A donzela arqueira com as duas mãos⁴⁸ **Ant. 1**
e o patrono de jogos, Hermes, põem nelas radiantes
adornos⁴⁹, quando no carro polido, 10
e à quadriga obediente às rédeas, prende
a força hípica, chamando o deus poderoso
que brande o tridente⁵⁰.
Para cada rei, outros varões compuseram⁵¹
sonoros hinos como recompensa pela excelência.
Veja-se que relatos dos cíprios amiúde⁵² celebram Ciniras⁵³, 15
a quem Apolo de áureas madeixas

⁴² *Tóde...phérōn...mélos érkhomai*: anúncio da chegada de Píndaro a Siracusa, trazendo a canção (Cingano, 2006, p. 366).

⁴³ *Elelíkithonos*: epíteto também atribuído a Posidão (cf. Cingano, 2006, p. 366).

⁴⁴ Ilha muito próxima da costa de Siracusa, na qual se constituiu o mais antigo núcleo habitacional da *pólis* siciliota. Foi remodelada durante a tirania de Gelão, com a construção de fortificações e, possivelmente, o templo de Atena com espólios cartagineses, após a batalha de Himera, em 480. (cf. De Angelis, 2016, p. 103).

⁴⁵ Segundo Cingano (2006, p. 397) havia em Ortígia um templo dedicado a Ártemis, cuja localização é debatida. O epíteto *potamía*, traduzido por “fluvial”, e que tem sua única atestação nesta passagem, é comparado no *Schol. P. 2 12a* (Drachmann, 1997, p. 33) a outros qualificativos relacionados ao rio Alfeu (*Alpheíōa*, cf. *N. 1.1–4*) na Élide (cf. Cingano, 2006, p. 397 e Carey, 1981, p. 26). O mesmo escólio também menciona uma estátua da divindade nas cercanias da fonte Aretusa, outro marco importante na paisagem siracusana (cf. Drachmann, 1997, pp. 33–34).

⁴⁶ *Hás ouk áter*: lítotes enfatiza o auxílio da divindade protetora de Hierão (Cingano, 2006, p. 367).

⁴⁷ *Poikilaníous*, trata-se de um *hápax* que alude às várias cores da tessitura das rédeas (cf. Cingano, 2006, p. 367).

⁴⁸ Ártemis.

⁴⁹ *Aiglénta...kósmon*: a maioria dos comentadores compreende que os adornos são “arreios” e “rédeas” bordados (cf. Gildersleeve, 1885, p. 257; Carey, 1981, p. 27; Kirkwood, 1982, p. 147 e Cingano, 2006, p. 368).

⁵⁰ Poseidão. A alusão ao deus fecha a tríade de divindades vinculadas à esfera equestre, cujo favor Hierão recebeu, cf. Miller (2019, p. 119).

⁵¹ Abertura do priamel, que se estende dos versos 13 a 20. Um “sumário” é seguido de dois exemplos específicos, o de Ciniras e Hierão, separados por uma *gnômē*, aplicável a ambos (Miller, 2019, p. 119).

⁵² *Pollakís*: o uso do advérbio sugere, segundo Cingano (2006, p. 370), uma continuidade na devoção a Ciniras que se constitui como uma possibilidade análoga para Hierão, se ele continuar a granjear o favor divino.

⁵³ Mítico rei de Chipre (cf. *N. 8.18* e Miller, 2019, p. 119), é mencionado por Homero na *Iliáda* (*Il. XI, 20ss*) como governante da ilha no tempo da Guerra de Troia (cf. Cingano, 2006, p. 370). Para o texto da *Iliáda* cf. Van Thiel (2010).

amou de boa vontade⁵⁴,
dócil⁵⁵ sacerdote de Afrodite⁵⁶. Reverente gratidão Ep. 1
os conduz, retribuição por feitos amigáveis⁵⁷
A ti, ó filho de Deinomenes⁵⁸, a virgem de Locros
Epizefírios⁵⁹ celebra diante das casas,
e a salvo das inelutáveis labutas da guerra
está em segurança graças ao teu poder. 20
Contam que Ixião⁶⁰, por ordem dos deuses,
rolando por todo lado sobre a roda alada⁶¹,
diz tais coisas aos mortais:
“Encontrando-se com o benfeitor,
repaga-o com gentil recompensa”.⁶²
Aprendeu claramente⁶³. Depois de colher 25 Estr. 2
junto dos Cronidas⁶⁴

⁵⁴ *Ho khrosokhaítas...Apóllōn*: o amor de Apolo por Ciniras tem motivação variada nas fontes, ora porque o monarca era filho do deus, ora seu amante, com quem rivalizava na arte da música, cf. Cingano (2006, p. 371).

⁵⁵ *Ktílos*. O significado do adjetivo nesta passagem é controverso (cf. Cingano, 2006, p. 371), podendo significar “domesticado”, “dócil” ou o “líder”. Kirkwood (1982, p. 148) menciona as passagens na *Iliáda* (Il. III.196 e XIII.169) nas quais *ktílos* é o “carneiro” líder do rebanho.

⁵⁶ Píndaro é o primeiro a atribuir a Ciniras a função de sacerdote de Afrodite Páfia, cujo culto remonta ao período arcaico (Cingano, 2006, p. 371). *Keladeéonti...amphì Kinyran*: a utilização da preposição *amphì* com o acusativo do objeto cantado já é atestada pelo menos desde os Hinos Homéricos (Cingano, 2006, p. 370).

⁵⁷ *Gnōme* transicional entre os dois exemplos específicos citados no priamel. *Ágei dè kháris/ phílōn poínimos érgōn opizoména*: nesta passagem, interpreta-se que o verbo *ágei* tem como objeto direto um *autoús* subentendido, que remete aos cíprios (v. 15), seguido de um apostrofo que tem como núcleo *poínimos*, iniciado a partir de *phílōn* (v. 17). Optou-se por substituir *poítinos* que consta dos manuscritos, adotado por Snell & Maehler (1987), por *poínimos*, acatando a interpretação de Cingano (2006, p. 372). O vocábulo *poínimos* nesta passagem teria valor positivo (gratidão em compensação a algo), com valor análogo a *poínē* em P. 1.59.

⁵⁸ Pai de Gelão e Hierão, que empresta nome à dinastia na historiografia moderna.

⁵⁹ Possível alusão à intervenção militar de Siracusa em favor de Locros Epizefírios contra a investida das tropas do tirano Anaxilau de Régio, em 477.

⁶⁰ O mito de Ixião, que surge ao fim do primeiro epodo e se estende por toda a segunda tríade do poema, introduz um tema que se repete nos outros epinícios comissionados a Píndaro por Hierão de Siracusa. A figura do transgressor que se esquece da distância entre deuses e mortais se repete com Tântalo na O. 1 e Coronis e Asclépio na P. 3. Também nestas passagens, a bem-aventurança e o favor dos deuses se convertem em punições severas quando se ultrapassa os limites do que é lícito aos olhos divinos. Ao lado do mito de Tifão na P. 1, Píndaro constrói uma espécie de *cautionary tale* a respeito dos riscos do poder irrestrito (Morgan, 2015, p. 181).

⁶¹ *En pteróenti trokhōi*: a “roda alada”, o dispositivo projetado por Ixião para capturar Hera, depois convertido em sua própria prisão, é novamente descrito no v. 40 da ode.

⁶² A *gnōmē* transicional ao fim do primeiro epodo retoma o tema da gratidão que se desenvolve na primeira antístrofe da ode.

⁶³ *Émathe...pathōn*: a construção denota certa ironia trágica na experiência de Ixião (Cingano, 2006, pp. 374–375).

⁶⁴ Os filhos de Crono, i. e. os deuses olímpicos.

doce existência⁶⁵, não suportou por muito tempo
a felicidade, quando enlouquecendo na mente⁶⁶,
apaixonou-se por Hera, escolha do jubiloso leito de Zeus
Mas o excesso⁶⁷ o incitou para insolente
desvario⁶⁸: e rapidamente tendo sofrido o apropriado, o varão
obteve singular sofrimento⁶⁹. Pois duas são as faltas que 30
trazem penas: uma porque o herói,
não sem artifício⁷⁰, foi o primeiro que verteu⁷¹
o sangue da mesma cepa sobre mortais⁷².
E depois, porque outrora nos vastos aposentos Ant. 2
tentou seduzir a esposa de Zeus⁷³. É preciso
sempre olhar a medida de tudo de acordo com si mesmo⁷⁴.
A sedução ilícita lança para a completa 35
miséria⁷⁵. E ela o alcançou, quando

⁶⁵ Cf. nota do v. 26.

⁶⁶ *Mainoménaís phrasín*: a descrição da paixão amorosa como loucura (*maínomai*, *manía*) remonta a Homero (*Il.* XXIV.14) (Cingano, 2006, p. 375).

⁶⁷ *Hýbris*: o excesso gera a violência de Ixião, que tenta ultrapassar os limites da sua humanidade, ao planejar a sedução de Hera (Cingano, 2006, p. 376).

⁶⁸ *Allà nin hýbris eis auátan hyperphánon/ôrsen*: *auáta* tem o valor de *átē*, ruína (Cingano, 2006, p. 376).

⁶⁹ Para narrar as vicissitudes de Ixião, Píndaro se vale de um *kephálaion*, construção em anel caracterizada pela presença de um sumário do mito no início da narrativa (neste caso, vv. 25–30), seguida de uma descrição mais detalhada dos acontecimentos, que retorna ao ponto de partida do mito (o mito de Ixião se estende pelo resto da segunda tríade do epinício).

⁷⁰ *Onk áter tékhnas*: litotes sublinha o caráter enganador de Ixião.

⁷¹ *Epémeixe*: a escolha do verbo torna a descrição do crime mais vívida. Ixião “verteu”, “misturou”, “poluiu” *emphúlion haíma*, o sangue de mesma linhagem, de parentes; cf. Carey, 1981, p. 35 e Kirkwood, 1982, p. 150.

⁷² Píndaro deixa em aberto a identidade da vítima do crime de Ixião. Um fragmento do mitógrafo Ferécides de Atenas (*FGrH* 3 F 51) preenche essa lacuna: não disposto a concluir a entrega dos devidos presentes matrimoniais por ocasião de seu casamento com Dia, Ixião engana seu sogro, Deioneu, e o convence a entrar, sem saber, em um fosso com carvões em brasa, matando-o. Ele se torna assim o primeiro mortal a cometer um crime de sangue, reincidindo na transgressão logo em seguida (cf. Miller, 2019, p. 119). Para Carey (1981, p. 35) a supressão da menção a uma purificação deste primeiro crime por Zeus — mencionada, além de Ferécides, por Ésquilo nas *Euménides* (*Aesch. Eum.* 717–718) — visa exacerbar o caráter transgressivo das ações posteriores de Ixião: com sangue nas mãos, Ixião busca usar do engano mais uma vez. Para o texto de Ésquilo, cf. West (1991).

⁷³ A segunda antístrofe abre a narrativa da segunda transgressão de Ixião, a tentativa de sedução de Hera e seu aprisionamento na roda alada (semelhante ao *únix* descrito na *P.* 4.213–219), que depois vai lhe servir de prisão eterna.

⁷⁴ *I. e.* é preciso conhecer os próprios limites de acordo com o *métron*, a justa medida. A *gnómē* é posta no centro da narrativa como forma de sintetizar a lição moral do que precede e jogar luz ao que vem em seguida (Carey, 1981, p. 36).

⁷⁵ *eunai...ébalon*: O aoristo *ébalon* é gnômico. A *gnómē* transicional tem caráter geral, aplicando-se ao caso de Ixião no próximo verso (Kirkwood, 1982, p. 150).

deitou-se com uma nuvem⁷⁶,
perseguindo uma doce ilusão⁷⁷, varão ignaro⁷⁸;
pois em sua beleza se assemelhava⁷⁹ à filha de Crono⁸⁰,
a mais distinta das Urânidas⁸¹: e puseram-na
como engano para ele⁸²
as mãos de Zeus⁸³, bela desgraça⁸⁴. E ele fez
da armadilha de quatro raios⁸⁵,
sua própria ruína⁸⁶. Tendo caído em laços inescapáveis,
recebeu a mensagem comum a todos⁸⁷.
Sem as Graças⁸⁸, sozinha, ela pariu-lhe um
rebento arrogante⁸⁹,
também solitário⁹⁰, nem honrado entre os homens

40

Ep. 2

⁷⁶ Esta passagem é controvertida, tanto no que diz respeito à sua interpretação, quanto ao texto em si. Optou-se por seguir o texto fixado por Snell & Maehler (1987), também seguido pelas edições de Kirkwood (1982) e Gentili (2006); cf. Carey (1981, pp. 37–38) para uma discussão detalhada da controvérsia. *Nephélai*: Zeus moldou uma nuvem à semelhança de Hera.

⁷⁷ *Pseudos glukýn*: a expressão contrasta com *glukýn bioton* no v. 26 (Cingano, 2006, p. 379).

⁷⁸ *Áidris anér*: a posição no fim do verso é enfática, se repete no original (Carey, 1981, p. 38). Os limites do conhecimento de Ixião em comparação aos de Zeus são explicitados.

⁷⁹ *Eídos...prépen*: seguindo a interpretação de Kirkwood (1982, p. 150) o sujeito do verbo é *néphela* (v. 36), e *eídos*, um acusativo de relação.

⁸⁰ Hera.

⁸¹ Urano é o patriarca da linhagem divina da qual descendem os Cronidas (assim, também Hera) de acordo com a genealogia dos deuses que remonta à *Teogonia* de Hesíodo.

⁸² *Dólōn*: o traiçoeiro Ixião (cf. v. 32) é suplantado em astúcia por Zeus (Carey, 1981, p. 38). Reforça *pseudos* no v. 37 (Carey, 1981, p. 39).

⁸³ *Zēnōs palámai*: *palámai* tem valor metafórico de “arte”, “habilidade”, contraposta à *tékhnē* de Ixião (v. 32).

⁸⁴ *Kalōn pēma*: o destaque é em *pēma*, “era bela, mas era uma ruína” (Carey, 1981, p. 39).

⁸⁵ *Tōn...tetráknamon...desmōn*: retoma *pteróenti trokhōi* a expressão evoca a *poikílan iunga tetráknamon* na P. 4.214 (Cingano, 2006, p. 380).

⁸⁶ *Heōn ólethron óge*: enfático em *enjambement* (Cingano, 2006, p. 380). Ixião engendrou ele mesmo sua própria ruína (Carey, 1981, p. 39).

⁸⁷ *Tān...angelian*: retomando a *gnōmē* do v. 24.

⁸⁸ A última parte do mito de Ixião é o fruto de sua relação com a *Nephela*. *Áneu...Kharitōn*: exemplo *a contrario sensu*, pois “se a *kháris* é fruto de ações nobres, a progênie da impiedade de Ixião é sem *kháris*” (Kirkwood, 1981, p. 151). Nos escólios, os comentaristas antigos dão duas interpretações: “sem a união sexual” (*Schol. Pind. P. 2 78a*), isto é, sem a reciprocidade fundamental que caracteriza o ato sexual, ou com a emenda *áneu akhárin gónon* (*Schol. Pind. P. 2 78c*), referindo-se assim à natureza selvagem de Centauro (cf. Carey, 1981, p. 40 e Cingano, 2006, p. 381).

⁸⁹ *Huperphialon*: não “monstruoso”, mas “arrogante”. Cingano (2006, p. 381) sublinha a associação deste adjetivo com a *hýbris*, denotando o comportamento excessivo do Centauro.

⁹⁰ *Móna kai mónon*: optou-se, na tradução, por deslocar o primeiro adjetivo ao verso anterior. A expressão, nesta posição, é enfática. Gildersleeve (1885, p. 261) traduz por “nenhuma mãe como ela; e assim, nenhum filho como ele”. Tanto a mãe (*Nephela*), quanto o filho (*Kéntauros*) são únicos: *Nephela* não seria um espectro fugidio, mas uma mulher moldada a partir da nuvem (Kirkwood, 1982, p. 151). Sublinha-se, assim, o isolamento de Centauro (Carey, 1981, p. 40).

nem de acordo com os costumes dos deuses⁹¹;
essa o criou⁹² e o nomeou Centauro⁹³, o qual
com as potras da Magnésia se misturava no sopé do Pelião, 45
e delas gerou-se portentosa tropa,
semelhante a ambos os genitores: à mãe embaixo
e ao pai em cima⁹⁴.
O deus cumpre todo fim conforme o que espera, Estr. 3
o deus, que alcança a águia alada,
ultrapassa o golfinho do mar, 50
põe de joelhos mortais presunçosos,
e a outros concede sucesso que não envelhece⁹⁵: Mas eu devo⁹⁶
fugir da veemente mordida das maledicências⁹⁷.
Pois vi⁹⁸, à distância, em dificuldade frequente⁹⁹,

⁹¹ *Oút'en andrási...oút'en theôn*: a passagem estabelece uma polaridade entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses — o arrogante não pertence a ambos (Carey, 2006, p. 40).

⁹² *Tráphoisa*, o particípio presente de *tréphō* no dialeto dórico.

⁹³ A etimologia de *Kéntauros* é controvertida (cf. Cingano, 2006, p. 382). A criatura pode ter sido uma criação de Píndaro, que a coloca como ancestral primeiro dos centauros (cf. Carey, 1981, p. 40).

⁹⁴ *Hippoisi...patrós*: em seu comentário à passagem, Cingano (2006, pp. 382–383) frisa o isolamento de Centauro, inclusive geográfico, em uma península afastada da Tessália oriental, a Magnésia, aos pés do Monte Pélion. Impedido de se consorciar com deuses e homens, o filho de Ixião e *Nephéla* passa a procriar com as potras da região. Depreende-se daí que a natureza mista dos centauros mitológicos, humana e equina, deriva desta união. O *Kéntauros* primordial era humanoide.

⁹⁵ *Kýdos agéraon*: sucesso inalterável, que não é sujeito ao envelhecimento. A passagem transicional sobre o poder divino sintetiza as características principais do mito, e prepara o receptor para o encômio a Hierão, que se inicia em seguida (Carey, 1981, p. 41). Diferentemente de *kléos*, *kýdos* “indica não tanto a fama quanto o sucesso, a glória e a honra dele resultante” (Cingano, 2006, p. 384).

⁹⁶ *Emè dè khréon...piainómenon*: Cingano (2006, p. 385) vê no trecho uma variação do motivo do *khréos*: o dever de se abster da calúnia comporta a obrigação de louvar os méritos do *laudandus*.

⁹⁷ *Emè dè kréon...kakagoriân*: a segunda parte da estrofe transicional entre o mito de Ixião e o encômio a Hierão se inicia com um pronome possessivo de primeira pessoa, que traz ênfase ao que se segue (Kirkwood, 1982, p. 152). Carey (1981, pp. 42–43) sublinha que as interpretações biográficas da passagem devem ser afastadas, já que quebras semelhantes em outros epínios pindáricos (O. 1.52., O. 9.38–39 e N. 5.14–16 *et seq.*) demonstram seu caráter funcional: aqui se busca criar um afastamento entre Ixião e Hierão.

⁹⁸ *Eídon gâr...piainómenon*: a passagem particulariza as razões pelas quais a declaração de primeira pessoa é feita. Carey (1981, p. 43) identifica o mesmo padrão em O. 1.53, O. 9.40–43 e N. 5.22.

⁹⁹ *Tà poll' en amakhanía*: traduz-se *amakhanía* por “dificuldade”, acatando em parte a solução proposta por Carey (1981, p. 43), cujo argumento é de que o sentido “pobreza” que o substantivo ganhou posteriormente não se verificava ainda no grego do período arcaico. Cingano (2006, p. 386) acha preferível compreender *amakhanía* por “pobreza, dificuldade material”, porque mesmo ausente em Píndaro, o vocábulo é associado a *penía* por outros poetas arcaicos, como Hesíodo, Alceu, Teógnis, entre outros. No português falado no Brasil, “estar em dificuldade” geralmente abarca alguma atribuição de origem material.

o calunioso Arquíloco¹⁰⁰, empanturrando-se com ódios 55

insultantes¹⁰¹. Enriquecer com a graça da

sabedoria dada pela fortuna é melhor¹⁰².

Tu¹⁰³ decerto és capaz de mostrar¹⁰⁴ isto¹⁰⁵ com senso Ant. 3

de liberalidade¹⁰⁶,

senhor¹⁰⁷ soberano¹⁰⁸ de muitas vias¹⁰⁹ bem-coroadas de ameias¹¹⁰

e de seu povo. E se alguém¹¹¹ 60

agora diz que, quanto à honra e riquezas¹¹²,

houve outrora algum outro na Hélade superior a ti,

¹⁰⁰ *Psogeròn Arkhilokhon*: Arquíloco de Paros (meados do século VII), aqui mencionado por sua produção jâmbica, de invectiva. Cingano (2006, p. 386) nota que Píndaro constrói, nos versos seguintes, uma oposição entre a poesia de *psógos*, “calúnia”, e a poesia de louvor: *kýdos* (v. 52), *dóxan* (v. 64) e *epaineîn* (v. 67).

¹⁰¹ *Psogeròn... barylógois ékhthesin piainómenon*: Cingano (2006, p. 386) aponta que *psogerón* e *barylógois ékhthesin* retomam *kakagoriân* (v. 53), ao passo que o particípio *piainómenon* retoma *dákos* (v. 53).

¹⁰² *Tò plouteîn dè sýn týkhai pótmou sophías áriston*: A interpretação do aforismo é debatida desde a antiguidade. Carey (1981, pp. 43–45) e Cingano (2006, pp. 387–388) resumem as diferentes correntes interpretativas que emergem dos escólios até a modernidade. Optou-se aqui por seguir a sugestão de Cingano (2006, p. 387), compartilhada por Most (1985, pp. 90–91) e que remonta a Aristarco (*Schol. Pind. P. 2* 101e), no qual *sýn týkhai* é complementado pelos genitivos *pótmou* e *sophías* e *tò plouteîn...áriston* formam uma construção impessoal (a glosa de Aristarco é esta: *tò dè epitynkhánein, phēsi, ploútou metá sophías, áriston estin*, cf. Drachmann, 1997, p. 48). Cingano (2006, p. 387) ressalta que esta construção com o duplo genitivo é inusual em Píndaro — motivo pelo qual Carey (1981, pp. 43–44) a descarta — mas “ela cria um binômio riqueza-sabedoria concedida pela sorte (do favor divino) completamente compatível com a reflexão pindárica [...] e perfeitamente compatível com o contexto encomiástico: a riqueza e a sabedoria de Hierão são o máximo concedido a um mortal, contrastando tanto com a *amakhania* de Arquíloco, que usou mal sua própria habilidade poética (rejeitada por Píndaro), quanto a arrogância de Hierão, que não se aproveitou do favor divino”.

¹⁰³ *Tý dè*: o pronome pessoal *tý* ocupa posição enfática, no início da antístrofe, marcando a transição entre a parte programática (na *stanza* anterior) e a parte encomiástica propriamente dita (Cingano, 2006, p. 388).

¹⁰⁴ *Pepareîn*: o verbo aqui tem o sentido de *endeixai*, conforme a lição de Hesíquio (Carey, 1981, p. 45).

¹⁰⁵ *Nin*: o pronome é anáforico e se refere ao verso anterior “*tò plouteîn dè sýn týkhai pótmou sophías áriston*” (v. 56), cf. Cingano (2006, p. 388).

¹⁰⁶ *Eleuthérai phreni*: para Cingano (2006, p. 388) o sentido de *eleútheros* nesta passagem é de *euleuthérios*. Hierão é capaz de praticar o ensinamento do aforismo do v. 56 com “ânimo liberal”. Fica também implícita na passagem a diferença entre Hierão e Ixião, que além de não ter suportado a felicidade (*ólbos*, v. 26), tem também “ânimo enlouquecido” (*mainoménaís phrasín*, v. 26). Cingano (2006, p. 388) aponta os diferentes significados de *phrén/phrénes*, negativo para Ixião, mas positivo para Hierão e Radamanto, que serve de paradigma para o tirano de Siracusa.

¹⁰⁷ *Prýtani*: “Príncipe”, também utilizado para nomear Zeus em *P. 6*, 24 (Gildersleeve, 1885, p. 262).

¹⁰⁸ *Kýrie*: Cingano (2006, p. 388) não tem função de adjetivo de *prýtani*, mas de substantivo complementado da frase apositiva *pollân...stratoú*, no genitivo. Slater (1969, p. 296) é da mesma opinião.

¹⁰⁹ *Aguiân*: Carey (1981, p. 45) traduz por “cidade”. Slater (1969, p. 7) traduz por “ruas com casas”, “moradas”.

¹¹⁰ *Pollân euestephánōn aguiân*: o adjetivo *euestéphanos* tem valor metafórico, a passagem significa “coroadas de torres e muros” (Cingano, 2006, p. 388).

¹¹¹ *Ei dé tis*: a construção é semelhante à passagem análoga, de encômio à riqueza de Hierão, no *Epinício* 3 de Baquilides (*B. 3.63 ss.*), cf. Carey (1981, p. 45) e Cingano (2006, p. 388).

¹¹² *Kteátessi te kai perì timái*: a preposição *perí* rege um dativo de relação, cf. Gildersleeve (1885, p. 262) e Kirkwood (1982, p. 153).

luta em vão¹¹³ com a mente¹¹⁴ vazia¹¹⁵.
Eu embarcarei¹¹⁶ na proa adornada de flores¹¹⁷, tua excelência
celebrando¹¹⁸. A coragem ajuda a juventude
nas terríveis guerras¹¹⁹. Por isto eu digo¹²⁰ que também tu
encontreste essa fama ilimitada¹²¹,
ora combatendo na cavalaria,
ora na infantaria¹²². E as tuas maduras deliberações¹²³
permitem-me louvar-te¹²⁴ em tudo o que digo¹²⁵
sem nenhum risco¹²⁶.

Ep. 3

65

¹¹³ *Kenéa*: acusativo com valor adverbial, “em vão” (Kirkwood, 1982, p. 153).

¹¹⁴ *Khaúnai prapídi*: Slater (1969, p. 448) traduz *prapís* por “espírito”, “mente”.

¹¹⁵ *Khaúnai prapídi palaimoneí kenéa*: para Cingano (2006, p. 388), a metáfora se torna ainda mais expressiva pela assonância *khaúnai kenéa* e pela aliteração do som de π em *prapídi palaimoneí*. O verbo *palaimonéō* é um *hápax* pindárico (Cingano, 2006, pp. 388–389).

¹¹⁶ *Anabásomai*: Bundy (1986, pp. 29–30) classifica o uso do futuro nesta passagem como “encomiástico” ou “tradicional”, no qual “o uso do futuro indicativo na primeira pessoa pelo *laudator* [...] é, de fato, um elemento convencional do estilo encomiástico. Ele nunca aponta para a ode em si, e sua promessa é com frequência cumprida pela mera enunciação da palavra”. Carey (1981, p. 46) e Cingano (2006, p. 389) concordam que se trata de um futuro normal, quando posto em contraste com futuros encomiásticos propriamente ditos, como *phásomai* em *N.* 9.43 e *phásō* em *B.* 11.24. *Anabásomai* também retoma o motivo de chegada da abertura da ode (v. 5, *phérōn...érkhomai*), cf. Cingano (2006, p. 389).

¹¹⁷ *Anabásomai...stólon*: Píndaro recorre mais de uma vez a esta metáfora náutica, na qual a composição poética é comparada a um navio (cf. *P.* 10.51ss., *P.* 11.39b e *N.* 4.69ss.), cf. Carey (1981, p. 46) e Cingano (2006, p. 389). *Euanthéa...stólon*: Cingano (2006, p. 389) defende que *stólon* aqui tem significado de “proa”, e não de viagem — como aponta o escoliasta (*Schol. Pind.* *P.* 2 113d). Slater (1969, p. 472) define como “viagem”, mas o verbete deixa clara a interpretação de que o navio é decorado com guirlandas de flores (*euanthéa*).

¹¹⁸ *Amph' aretái keladéōn*: a construção retoma o v. 15, a respeito de Cíniras (*keladéonti...amphì Kinýran*), o que, segundo Cingano (2006, p. 389) reforça o paralelismo estabelecido entre o encômio a Hierão e o encômio dos cipriotas a Cíniras.

¹¹⁹ *Neótati...polémōn*: trata-se de uma *gnómē* transicional e de caráter geral, particularizada nos versos seguintes de encômio a Hierão. *Neótati mèn*: segundo Kirkwood (1982, p. 154), a partícula *mén* desta passagem é respondida pelo segundo *dé* do v. 65 (*boulai dé*) — a antítese é reforçada pelo quiasmo *thrásos...polémōn*.

¹²⁰ *Phamì kai se*: Cingano (2006, p. 389) observa que a ordem das palavras explicita a ligação entre *laudator* e *laudandus*.

¹²¹ *Tân apeírona dóxan*: o uso do artigo *tán* enfatiza o caráter ilimitado, infinito, da *dóxa* de Hierão (Kirkwood, 1982, p. 154). Cingano (2006, p. 389) sublinha que a expressão retoma *kýdos agéraon* (v. 52).

¹²² *Tā mèn en hipposóaisin...tā d' en pezomákhaiis*: Cingano (2006, p. 389) destaca que o binômio cavalaria-infantaria dá relevo às capacidades militares de Siracusa.

¹²³ *Boulai dè presbýterai*: responde *neótati mèn...thrásos* (v. 63). Segundo Cingano (2006, p. 390), Píndaro cria uma polaridade: Hierão tem o ardor guerreiro na batalha e a sabedoria de um ancião ao tomar decisões.

¹²⁴ *Epaineîn*: “louvar”. O verbo está ligado diretamente à função do epínicio (Cingano, 2006, p. 390).

¹²⁵ *Potì pánta lógon*: “em relação a qualquer discurso”, *i. e.* “em tudo o que digo”. Adota-se aqui a interpretação de Carey (1981, p. 46), também acatada por Cingano (2006, p. 390). O *lógos* do poeta encomiástico se contrapõe ao do poeta de invectiva (cf. *barylógois*, v. 55), cf. Cingano (2006, p. 390).

¹²⁶ *Akíndynon...épos*: discurso sem o risco de contradição (Carey, 1981, p. 46). Píndaro emprega o “*tópos* da excelência da matéria encomiástica e da facilidade do poeta em louvar o vencedor” (Cingano, 2006, p. 390): não há risco de o encômio ser deficiente, dadas as qualidades do *laudandus*. Cf. Bundy (1986, p. 64) para uma discussão da passagem sob o ponto de vista do motivo do encômio como “tarefa fácil”.

Salve!¹²⁷ Esta canção, à maneira da mercadoria fenícia¹²⁸,
é enviada¹²⁹ a ti através do mar cinzento¹³⁰:
presta a atenção, de bom grado¹³¹, indo
ao encontro¹³²
da melodia de Cástor¹³³ em cordas eólicas¹³⁴,
uma dádiva¹³⁵ da lira de sete cordas¹³⁶.
Mostra-te tal como és, após ter aprendido quem és¹³⁷.
Sim, belo é um macaco para as crianças, sempre

70

¹²⁷ *Khaíre*: tem a função de saudação, não de despedida (Carey, 1981, p. 47 e Cingano, 2006, p. 391). A passagem tem sido comparada com *N. 3.76 ss.*, no qual o motivo do envio da canção (*khaíre, phílos: egō tóde toi/pémpe...méli*) também aparece. A respeito disso, Carey (1981, p. 47) argumenta que enquanto na *N. 3* o *khaíre* é seguido apenas de oito versos e, portanto, pode ser considerado uma despedida, na *P. 2* o mesmo *khaíre* é seguido por 30 versos, uma nova tríade inclusa. Este *khaíre* é mais parecido com a saudação *khaírete* que consta na *I. 1.32* (Cingano, 2006, p. 391), e que funciona como uma fórmula transicional (Miller, 2019, p. 121).

¹²⁸ *Katà Phoínissan empolán*: Carey (1981, p. 48) nota dois aspectos nessa qualificação da canção: (1) trata-se de um artigo de luxo (como em *N. 8.15*, *Lydian mítran*); (2) a ode viaja pelo mar.

¹²⁹ *Khaíre...pémpetai*: se no v. 3 o poeta chega trazendo a canção, e no v. 62 o poeta viaja de navio, nesta passagem ela é “enviada” (Cingano, 2006, p. 390).

¹³⁰ *Poliás halòs*: fórmula épica (Cingano, 2006, p. 391).

¹³¹ *Thélōn...áthrēson*: o particípio *thélōn* é circunstancial e modula a ação do imperativo *áthrēson*, “observa”.

¹³² *Antómenos*: “indo ao encontro”, é o seguindo particípio circunstancial subordinado ao imperativo *áthrēson* (Cingano, 2006, p. 393).

¹³³ *Tò Kastóreion*: Kirkwood (1982, p. 154) aponta que o contraste estabelecido por *tóde mèn* e *tò Kastóreion d’* levou a interpretações de que esta “canção de Cástor” seria uma referência a outra composição do poeta, enviada em conjunto com a *P. 2*. (talvez o hiporquema fragmentário identificado pelos frag. 105a, 105b, 106 e 144, cf. Wilson, 2019 para uma apreciação completa do tema). Visto que um *Kastóreion* nada mais é do que uma canção de motivo equestre (Cástor é um patrono tradicional da atividade hípica), não há razão para buscar uma referência fora do poema: a *P. 2* celebra justamente uma vitória hípica. Cf. *I. 1.16* (*ē Kastoreiōi ē Ioláoi...hýmnoi*) e *O. 1.101* (*hippíoi nómoi*), cf. Carey (1981, p. 48). Most (1985, p. 100) também considera que é mais provável que a referência seja à própria *P. 2*.

¹³⁴ *En Aiolidessi khordaís*: provavelmente uma alusão ao metro utilizado na ode (Cingano, 2006, p. 392).

¹³⁵ *Khárin*: interpreta-se *khárin* em aposição a *tò Kastóreion* (v. 69) e não como uma preposição com genitivo ou um objeto de *antómenos* (Cingano, 2006, p. 392).

¹³⁶ *Heptatýpou phórmingos*: traduziu-se por lira o substantivo *phórminx*, recentemente dicionarizado por “forminge”. *Heptatýpos*: Slater (1969, p. 192) aponta ser um sinônimo de *heptátonos*, de sete tons, *i. e.*, com sete cordas.

¹³⁷ *Génoi’ oíos éssi mathón*: trata-se de uma *gnómē* transicional com uma clara alusão à máxima délfica (*gnōthi sautón*). A interpretação da passagem é extremamente controversa, cf. Carey (1981, pp. 49–50). Optou-se por seguir a solução considerada a melhor por Cingano (2006, p. 393), que subentende um *toioútos* após *génoio*.

belo¹³⁸. Mas Radamanto¹³⁹ é feliz¹⁴⁰, porque lhe coube
o fruto imaculado do juízo¹⁴¹, e com enganos¹⁴²
não se delicia no fundo do ânimo¹⁴³,
como os que sempre seguem os mortais sussurrantes¹⁴⁴. 75
Propagadores de calúnias¹⁴⁵ são um mal inconquistável¹⁴⁶
para fera e ferido¹⁴⁷,
em tudo símeis à índole¹⁴⁸ das raposas¹⁴⁹.

¹³⁸ *Kalôs...kalós*: anadiplose do adjetivo, que aparece na primeira e na última posições da frase nominal em *enjambement*, reforçando o fascínio das crianças com macacos. (Cingano, 2006, p. 394). Gildersleeve (1885, p. 264) chama atenção para o caráter infantil (*child-like*) e carinhoso (*lover-like*) da repetição. Schmid (1916, pp. 446–447) observou que a repetição imprime à passagem um tom caricatural, que é comum em inscrições eróticas em paredes, árvores, portas e vasos. A origem da repetição está possivelmente associada ao costume de brindar repetindo-se o nome ou o julgamento de beleza (*kalós*). A expressão “*naukhí kalós*” é comum em vasos áticos entre 550 e 460, cf. Schmidt, pp. 446–447 para uma discussão aprofundada do tema.

¹³⁹ *Radámanthys*: Radamanto, filho de Zeus e Europa, é um modelo proverbial de justiça e sabedoria na poesia arcaica (Cingano, 2006, p. 394). A menção a Radamanto estabelece um contraste com as crianças mencionadas na *stanza* anterior, no que diz respeito à qualidade do julgamento (Carey, 1981, p. 54). Kirkwood (1982, p. 157) observa que seu nome que incorpora o *mathôn* do epodo anterior, e sua posição de importância no submundo (cf. *O.* 2.75) o diferencia de Ixião.

¹⁴⁰ *Eú pépragen*: litotes pindárica (Carey, 1981, p. 54) e que significa “é feliz” (Cingano, 2006, p. 395). Sua condição é contrastada com a de Ixião: *exáireton ele mókhton* (v. 30), *heòn óletron* (v. 41) (Carey, 1981, p. 54).

¹⁴¹ *Hóti phrenôn élakhe karpòn amómēton*: o juízo imaculado de Radamanto contrapõe-se ao “senso desvairado” (*mainoménais phrasín*, v. 26) de Ixião, e sua in experiência (*áidris*, v. 37) (Cingano, 2006, p. 395).

¹⁴² *Palámais*: diferentemente do v. 40, que nomeia a “arte” de Zeus, *paláma* aqui tem valor negativo, de “engano”, “ardil” (Cingano, 2006, p. 401).

¹⁴³ *Oud’ apátai...éndothēn*: Cingano (2006, p. 395) discute os dois sentidos possíveis, no plano gramatical, da frase: (1) Radamanto não tem prazer em enganar (*i. e.* não mente); e (2) Radamanto não se deixa enganar — aqui provavelmente em função de seu papel como juiz no submundo, o que, como lembra Carey (1981, p. 55), não se verifica antes de Platão. Cingano (2006b, p. 395) favorece a primeira interpretação, pois Radamanto é construído como a antítese de Ixião, que cometeu um crime de sangue matando o sogro (v. 32) e prova do próprio engano ao ser punido por Zeus (v. 37ss.).

¹⁴⁴ *Oía psithýron palámais hépet’ aiei brotôn*: optou-se por rejeitar a emenda proposta por Heindorf e acatada no texto de Snell & Maehler (1987) que troca o *brotôn* dos manuscritos por *brotôi*. Seguimos aqui o texto estabelecido por Gentili (2006), com o qual Cingano (2006, p. 395) concorda. No mesmo sentido: Carey (1981, p. 55).

¹⁴⁵ *Diabolián hypopháties*: “divulgadores”, “propagandistas” (*hypopháties*) de “calúnias” (*diabolián*). Há uma controvérsia se o plural eólico *hypopháties* é equivalente à *hypophátai* e, portanto, feminino (Cingano, 2006, p. 396). A discussão é mais pautada por uma interpretação biográfica da ode do que propriamente filológica, cf. Carey (1981, p. 56) para uma discussão completa.

¹⁴⁶ *Ámakhon kakôn*: Píndaro usa o adjetivo *ámakhos* “inconquistado”, “com quem ninguém luta”, para definir o mal da calúnia (Slater, 1969, p. 37).

¹⁴⁷ *Amphóterois*: a calúnia é um mal para ambos, o caluniador e sua vítima (Cingano, 2006, p. 396). Procurou-se reproduzir esse efeito de reciprocidade que o vocábulo assume nessa passagem com essa metáfora animal comum no português falado no Brasil.

¹⁴⁸ *Orgáis*: Cingano (2006, pp. 396–397) destaca que o substantivo *orgé* é utilizado em referência às características e comportamentos animais desde Hesíodo.

¹⁴⁹ *Alōpékōn*: a raposa é um símbolo de engano e astúcia (Cingano, 2006, p. 397).

Mas que serventia tem isto para a astuta?¹⁵⁰

Enquanto o resto da rede¹⁵¹ está sujeita

à labuta no fundo do mar¹⁵²,

como uma cortiça inafundável

eu irei sobre a superfície do mar¹⁵³.

80

Entre os bons¹⁵⁴, é impossível que o cidadão falaz¹⁵⁵ lance

Ant. 4

dito¹⁵⁶ eficaz¹⁵⁷: pois adula¹⁵⁸ a todos de forma igual,

e tece completamente a sua ilusão¹⁵⁹.

¹⁵⁰ *Kerdoí dè tì mála toúto kerdáleon teléthei*: Gildersleeve (1885, p. 265), Carey (1981, p. 56), Kirkwood (1982, p. 157), Most (1985, p. 108) e Cingano (2006, p. 397) veem mais atrativa a emenda proposta por Huschke ao *kérdei* dos manuscritos — adotada na edição de Snell & Maehler (1987) — e optamos por acatá-la na tradução. *Kerdoí* é dativo de *kerdō*, “a astuta”, “a ladra”, outro denominativo da raposa na tradição fabular que remonta a Arquíloco. Sem a emenda, o verso tem um tom proverbial, geral: “Mas o que há de fato de lucrativo para sua ganância?” — ao passo que com *kérdoi* é possível preservar o tom fabular e o jogo etimológico entre *kerdoi* e *kerdáleon*, retomando a imagem da raposa (Cingano, 2006, p. 397).

¹⁵¹ *Skeuás hetéras*: designa os pesos que puxam a rede ao fundo do mar, com função antitética à da cortiça (Cingano, 2006, p. 398).

¹⁵² *Háte gàr ennálion pónon exoísas bathýn skeuás hetéras*: metáfora marinha. A construção é um genitivo absoluto, com *háte* sem valor causal, servindo apenas para sinalizar a metáfora e preparando para a construção com *hōs* no verso seguinte (Kirkwood, 1982, pp. 157–158). Na tradução do particípio *ékhoisa*, seguiu-se a lição de Slater (1969, p. 217), que o interpreta como um sinônimo de *páskhō* no sentido de “estar sujeito a”.

¹⁵³ *Abáptistos eími phellōs hōs hypèr hérkos hálmas*: conclusão da metáfora marinha, na qual a cortiça é o contraponto ao “resto da rede” (*skeuás hetéras*, vv. 79–80). *Eími*: a emenda do *eími* dos manuscritos não é consensual. Cingano (2006, p. 398) considera que a substituição, feita para suprir um verbo de movimento, não é necessária, e que o uso da primeira pessoa de *eími* é inusual tanto em Píndaro como nos outros poetas mélicos. Optamos por nos ater ao texto fixado por Snell & Maehler (1987), que acata a emenda, concordando com os argumentos sumarizados por Carey (1981, p. 57) de que a construção *hypèr hérkos* exige um verbo de movimento, e lendo-a juntamente com *hálmas*: *hypèr hérkos hálmas*. Miller (2019, p. 122) interpreta que o uso da primeira pessoa nesta passagem tem força geral ou indefinida: geralmente, um homem de caráter justo e bom julgamento não pode ser “afundado” por maquinacões. *Hérkos*: o “limite”, “cerca” do mar, portanto, a superfície (Kirkwood, 1981, p. 158).

¹⁵⁴ *En agathoís*: os cidadãos virtuosos (Cingano, 2006, p. 399). Carey (1981, p. 58) observa que a expressão retoma Radamanto (v. 73 ss.) e as *boulai presbýterai* de Hierão (v. 65).

¹⁵⁵ *Dólion astòn*: o “cidadão traiçoeiro” é posto em contraste com os *agathoí* (v. 81) e com o *euthýglōssos anér* no v. 83 (Cingano, 2006, p. 399).

¹⁵⁶ *Épos ekbaleín*: construção perifrástica tem o sentido enfático de “dizer”, “falar” (Cingano, 2006, p. 549).

¹⁵⁷ *Épos...krataìon*: o qualificativo *krataìon* tem o sentido de “eficaz”, “persuasivo” (Cingano, 2006, p. 399 retomando a lição de Schol. Pind. P 2 148b).

¹⁵⁸ *Sáinōn*: início de uma nova metáfora animal, na qual a raposa agora é retratada como um cão (Carey, 1981, p. 58). O verbo tem o sentido literal de “abanar o rabo”, quando se refere a cães. Aqui traduz-se por “adulando”, seguindo a lição de Cingano (2006, p. 399).

¹⁵⁹ *Átan pánkhy diaplékei*: o texto foi emendado nesta passagem, visto que o manuscrito atesta *ágan* (cf. Carey, 1981, p. 58 e Cingano, 2006, pp. 399–400 para uma discussão aprofundada da controvérsia e as diferentes soluções sugeridas pelos editores). Preferiu-se manter o *átan* que consta na edição de Snell & Maehler (1987), em concordância com os argumentos de Carey (1981, p. 58) e Kirkwood (1982, p. 158), segundo os quais *átan* tem a função de objeto de *diaplékei*. Além disso, *átē* é um efeito plausível no cidadão traiçoeiro, que se autoengana, à semelhança de Ixião, no v. 28.

Não compartilho¹⁶⁰ da sua insolência¹⁶¹. Oxalá
ser amigo do amigo,
mas contra um inimigo, enquanto inimigo¹⁶²,
atacarei secretamente à maneira do lobo¹⁶³
trilhando por aqui e ali caminhos sinuosos¹⁶⁴.
E sob qualquer regime¹⁶⁵, o varão franco¹⁶⁶ se sobressai¹⁶⁷:
na tirania¹⁶⁸, quando a turbamulta governa¹⁶⁹,
e quando os sábios guardam a pólis¹⁷⁰. É
necessário não contestar o deus,
que ora eleva a sorte de uns, e ora a outros

85

Ep. 4

¹⁶⁰ *Metékhō*: segundo Cingano (2006, p. 400) e Carey (1981, p. 59), primeira pessoa de *metékhō* é genérica e tem valor paradigmático.

¹⁶¹ *Ou...thrásos*: o valor de *thrásos* nesta passagem é negativo e, segundo Carey (1981, pp. 58–59) retoma *hyperphánon* (v. 28), *hyperphálon* (v. 42) e *hypsiphronōn* (v. 51), pondo os cidadãos traiçoeiros em paralelo a Ixião e a Centauro. A passagem também antecipa elementos da metáfora do lobo, no v. 82, visto que o *thrásos* é associado ao animal (Cingano, 2006, p. 400). Note-se o contraste entre o sentido de *thrásos* aqui verificado e sua ocorrência no v. 63, no qual positivamente qualifica a coragem de Hierão frente aos inimigos (Cingano, 2006, p. 400).

¹⁶² *Phílon eīē phileîn: potì d' ekhthròn hát' ekhthròs eôn*: a passagem reproduz um princípio fundamental da sociedade grega arcaica, o da reciprocidade (Cingano, 2006, p. 400). A colocação de *phílon* e *phileîn*, tal como de *ekhthròn* e *ekhthròs* é enfática (Carey, 1981, p. 59). *Hát' ekhthròs eôn*: na tradução, segue-se a interpretação de Cingano (2006, p. 401), na qual *háte* tem valor causal na construção com participio: “enquanto inimigo”.

¹⁶³ *Lýkoio díkan hypotheúsomai: lýkoio díkan* “à maneira de um lobo” — em Homero (*Il.* IV.471 ss., *Il.* XI.72 e *Il.* XVI.156 ss.), o lobo aparece em metáforas do combate corajoso, em campo aberto (a associação fica clara no v. 86: *euthýglossos anēr*, cf. Cingano, 2006, p. 401). A metáfora do lobo dá mais concretude à regra de reciprocidade enunciada no verso anterior, esclarecendo-a: contra os amigos não é lícito o engano, já contra os inimigos se pode recorrer ao ataque sorrateiro, astucioso, à semelhança do que Zeus faz ao punir Ixião, incapaz de reconhecer laços de amizade e gratidão (Cingano, 2006, p. 401). *Hypotheúsomai*: segundo Carey (1981, p. 59), o preverbo *hypó-* ligado ao verbo *theō/theiō* sugere que o ataque se dá de modo sorrateiro, pondo em relevo a diferença com o modo de agir dos caluniadores — que oram são traiçoeiros como as raposas, ora “abanam o rabo” como cães (*saíōn*, v. 82), fingindo.

¹⁶⁴ *All' álote patēōn hodoís skholiaís*: como salienta Carey (1981, p. 59), *patēōn hodoís skholiaís* refere-se não à calúnia, mas a outras formas de conspiração que se valem da astúcia.

¹⁶⁵ *En pánta dē nómon: nómos* aqui tem o sentido de regime político, tradição política (Slater, 1969, p. 353).

¹⁶⁶ *Euthýglossos anēr*: segundo Carey (1981, p. 59), ao passo que o *dólios astós* (v. 82) adula a todos, fingindo (*saíōn potì pántas*, v. 82), o *agathós* (v. 81) é franco, declara publicamente suas amizades e inimizades, e persegue seus inimigos com os meios de que dispõe.

¹⁶⁷ *Prophérei*: verbo intransitivo (Cingano, 2006, p. 402).

¹⁶⁸ *Parà tyrannídi*: o vocábulo não tem carga negativa nessa passagem, sendo sinônimo de monarquia. Na *P. 3 basileús* (v. 70) e *týrannos* (v. 85) são intercambiáveis na denominação de Hierão (Cingano, 2006, p. 402).

¹⁶⁹ *Khōpótan ho labròs stratós: labròs* qualifica negativamente *stratós*, salientando a violência da multidão (Carey, 1981, p. 60). Traduzimos substantivo e adjetivo por uma só palavra: “turbamulta”.

¹⁷⁰ *Khótan pólin hoi sophoi tērēonti*: os *sophoi* aqui mencionados são a aristocracia (Cingano, 2006, p. 402). Temos aqui uma enumeração de tipos de regimes políticos: a tirania (ou monarquia), a democracia e oligarquia. A tirania é definida de modo neutro, a democracia em termos pejorativos, e a oligarquia definida positivamente. A preocupação do poeta não se centra nas formas de constituição política das cidades, mas na capacidade do homem *agathós* de viver sob qualquer regime (Cingano, 2006, p. 402).

concede grande sucesso¹⁷¹. Mas nem isso
aquece¹⁷² a compreensão¹⁷³ dos invejosos¹⁷⁴:

puxando um prumo¹⁷⁵

90

em excesso¹⁷⁶, fixam dolorosa

ferida no próprio coração¹⁷⁷,

antes de atingir o que planejam¹⁷⁸.

É bom suportar com facilidade o jugo

que se põe no pescoço:¹⁷⁹

escoicear contra o aguilhão é

95

¹⁷¹ *Khrē...kýdos*: a *gnōmē* transicional é posta em *enjambement* no fim da quarta antístrofe e no início do quarto epodo, marcando o fechamento do epinício. Como argumenta Cingano (2006, p. 402), a primeira frase (*Khrē...ouk erízein*) ecoa o relato da impiedade de Ixião (v. 34, *khrē...orân métron*), ao passo que a segunda (*hōs...kýdos*) repete o conteúdo do v. 52 (*etéroisi... kýdos...parédōk*), “segundo o princípio da composição anelar”.

¹⁷² *Iáinei*: “aquece”, “derrete”. Como sublinha Cingano (2006, p. 403), o verbo exprime uma sensação de apagamento.

¹⁷³ *Nóon*: a tradução seguiu a solução empregada por Caeiro (2010, p. 31) na tradução de *nóos*.

¹⁷⁴ *Phthonerōn*: para Cingano (2006, p. 403), o tema da inveja serve para enfatizar o tema do sucesso (*kýdos*).

¹⁷⁵ *Státhmas dê tinos helkómenoi*: optou-se por não acatar a emenda ao texto que consta na edição de Snell & Maehler (1987), que substituiu o *tinós* dos manuscritos por *tínes*, seguindo a opinião de Carey (1981, p. 60), que a considera injustificada. *Státhmas* designa o prumo, instrumento para verificar ou traçar uma linha reta (Cingano, 2006, p. 403) — o uso de *státhma* nesta passagem retoma a imagem de *métron* no v. 34 (Carey, 1981, p. 60). Essa interpretação de *státhma* foi questionada por White (1898, p. 208), para quem uma metáfora hípica seria mais coerente com as imagens evocadas na ode. Assim, *státhma* seria o arreio do cavalo: “não parece exagero linguístico aplicar esta palavra ao cabresto de cavalo como é usado atualmente: também é uma corda com um peso na extremidade, στάθμη τις. A extremidade sem peso do cabresto passa por um anel na manjedoura e é presa ao peitoral do cavalo. À medida que o animal se move, ele puxa a corda e o peso sobe ou desce conforme seus movimentos. Se ele força a corda, o peitoral naturalmente irritaria seu peito e causaria uma ἔλκος πρὶν ὅσα φροντίδι μῆνόνται τυχεῖν. Assim, os versos fariam parte da metáfora equina que segue, evitando qualquer mudança abrupta de metáfora. Além disso, a ideia de esforçar-se demais pelo impossível, prejudicando-se, está totalmente de acordo com os versos precedentes e com o fluxo geral da ode” (White, 1898, p. 208).

¹⁷⁶ *Perissás*: a ideia de excesso por parte dos *phthonerós* é expressa pelo uso do adjetivo *perissás*, que pode significar tanto “muito longe”, do ponto de vista do uso do prumo em si, ou “excessivo”, em relação ao julgamento de quem usa o instrumento (Cingano, 2006, p. 404).

¹⁷⁷ *Enépxan hélkos odyarōn heai prósthe kardíai*: como anota Cingano (2006, p. 404) a imagem da inveja como uma ferida autoinfligida (o pronome *heai* preposto a *kardíai*, “seu próprio coração” é proverbial na literatura arcaica). Note-se o jogo de palavras com o verso anterior *helkómenoi/ hélkos* (Carey, 1981, p. 61). *Prósthe* está em coordenação com *prín...tykhein* no início do verso seguinte, e é interpretado como um sinal que antecipa a próxima oração. Carey (2006, p. 60) defende que houve aqui uma transição rápida de metáfora, característica do estilo de Píndaro: sai-se da metáfora do prumo para ingressar na metáfora da lança.

¹⁷⁸ *Prín hōsa phrontídi mētíontai tukhein*: Cingano (2006, p. 404) defende que o uso de *mētíontai*, cuja raiz é *mētis* retoma o tema das intrigas dos caluniadores e enganadores (*apátai*, v. 74; *dólion*, v. 82), ao passo que *phrontídi* retoma *nóon* (v. 89).

¹⁷⁹ *Phérein... /arégei*: o fechamento da ode é composto por duas *gnōmai*, que exploram metáforas concernentes ao mundo animal. A primeira delas retoma, segundo Cingano (2006, p. 405), a imagem do jugo (*zugón*) que aparece no proêmio da ode (v. 11, *katazeúgnūēi*). Carey (1981, p. 61) sublinha que “Píndaro defende uma aquiescência voluntária às leis do universo”.

um caminho escorregadio¹⁸⁰.

Que eu agrade os bons e confraternize com eles¹⁸¹.

96

Referências bibliográficas

- BOECKH, A. **Pindari Opera II**. Leipzig: s.n., 1821.
- BONANNO, D. **Ierone il Dinomenide**. Pisa; Roma: Fabrizio Serra Editore, 2010. (Kokalos Supplement, 21).
- BOWRA, C. M. Pindar, Pythian II. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 48, pp. 1–28, 1937. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/310689>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- BOWRA, C. M. **Pindar**. London: Oxford University Press, 1964.
- BUNDY, E. L. **Studia pindarica**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1986.
- BURTON, R. W. B. **Pindar's Pythian Odes**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- CAEIRO, A. C. **Píndaro: Odes**. Tradução, introdução e notas de Antônio de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal Editores, 2010.
- CAREY, C. **A commentary on five odes of Pindar: Pythian 2, Pythian 9, Nemean 1, Nemean 7, Isthmian 8**. New York: Arno Press, 1981.
- CINGANO, E. Commento: *Pítica seconda*. In: GENTILI, B. (ed., trad. e org.); CINGANO, E. (com.); ANGELI BERNARDINI, P. (com.); GIANNINI, P. (com.). **Pindaro: Le Pitiche**. 4. ed. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2006, pp. 365–406.
- COPPOLA, G. **Introduzione a Pindaro**. Rome: s.n., 1931.
- CROISET, M. A. Observations sur le sens du mythe d'Ixion dans la deuxième pythique de Pindare. **Annuaire de l'Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France**, Paris, v. 10, pp. 84–96, 1876.
- DE ANGELIS, F. **Archaic and classical Greek Sicily: a social and economic history**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- DRACHMANN, A. B. Pindars Siegeslieder. **Jahrbücher für classische Philologie**, v. 141, pp. 441–449, 1890.
- DRACHMANN, A. B. **Moderne Pindarfortolkning**: Kritiske og positive bidrag. Kjøbenhavn: G.E.C. Gad, 1891.
- DRACHMANN, A. B. **Scholia vetera in Pindari Carmina**: Volumen I – Scholia in Olympionicas. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1997 [1903]. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).

¹⁸⁰ *Potì kéntron dé toi laktizémen teléthei olistèròs oímos*: como anota Cingano (2006, p. 405), “*pròs kéntron laktízein*, “escoicear contra o agulhão”, é expressão proverbial [...], que se refere aos bois [...], e metaforicamente usada para indicar o rebelar-se contra um superior”. Traduz-se *kéntron* por agulhão porque o substantivo se refere à vara com ponta de metal que serve para tanger o gado, também chamada de agulhada. Cingano (2006, p. 405) propõe que um confronto formal desta passagem com *pròs theòn ouk erízein* no v. 88 “mostra que Píndaro alude à necessidade de se curvar ao poder da divindade, mas em um plano mais geral a frase pode também implicar um convite ao reconhecimento de Hierão, pelo qual o poeta espera ser apreciado na prece sucessiva (v. 96).

¹⁸¹ *Adónta d' eîē me toîs agathoîs oimileîn*: Carey (1981, p. 61) considera que no contexto gnômico, o uso da primeira pessoa nesta passagem é provavelmente geral — esta também é a opinião de Cingano (2006, p. 405). “Poeta, coro, patrono, audiência são vistos como um grupo coeso [...]”. Essa frase encapsula o tom da última seção, apresentando Hierão e sua corte como um círculo aristocrático (cf. 81), para quem toda a insolência e enganação são estrangeiros”. (Carey, 1981, p. 61). *Agathoîs hoimileîn*: “frequentar os valentes”, cf. Cingano, 2006, p. 406.

- DRACHMANN, A. B. (ed.) **Scholia vetera in Pindari Carmina: Volumen II – Scholia in Pythionicas**. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1997b [1910]. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).
- DUCHEMIN, J. **Pindare: Pythiques III, IX, IV, V**. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- EVANS, R. **Ancient Syracuse: From Foundation to Fourth Century Collapse**. London/New York: Routledge, 2016.
- FARNELL, L. R. **The Works of Pindar II**. London: Macmillan, 1932.
- FENNELL, C. A. M. (ed. e com.) **Pindar: The Olympian and Pythian Odes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1879.
- FENNELL, C. A. M. **Pindar: The Olympian and Pythian Odes**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1893.
- FERRARI, F. Representations of cult in epinician poetry. In: AGÓCS, P.; CAREY, C.; RAWLES, R. (ed.). **Reading the Victory Ode**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FINLEY, J. H. **Pindar and Aeschylus**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1955.
- FRACCAROLI, G. Fragmenta Pindarica. **Rivista di Filologia e di Istruzione Classica**, v. 29, pp. 395–396, 1901.
- GANTZ, T. N. Pindar's Second Pythian: The Myth of Ixion. **Hermes**, Stuttgart, v. 106, n. 1, pp. 14–26, 1978. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4476037>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- GASPAR, C. **Essai de chronologie pindarique**. Brussels: Hayez, 1900.
- GENTILI, B. **Bacchilide**: Studi. Urbino: Pubblicazioni dell'Università di Urbino, 1958.
- GENTILI, B. *Pítica II*. In: GENTILI, B. (ed., trad. e org.); CINGANO, E. (com.); ANGELI BERNARDINI, P. (com.); GIANNINI, P. (com.). **Pindaro: Le Pitiche**. 4. ed. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2006, pp. 43–84.
- GENTILI, B. (ed., trad. e org.); CINGANO, E. (com.); ANGELI BERNARDINI, P. (com.); GIANNINI, P. (com.). **Pindaro: Le Pitiche**. 4. ed. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2006.
- GILDERSLEEVE, B. (ed. e com.). **Pindar: The Olympian and Pythian Odes**. London: Macmillan & Co, 1885.
- GUNDERT, H. **Pindar und sein Dichterberuf**. Frankfurt: V. Klostermann, 1935.
- HAMILTON, R. **Epinikion: General Form in the Odes of Pindar**. Mouton: The Hague/Paris, 1974.
- IRIGOIN, J. **Histoire du text de Pindare**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1952.
- JACOBY, F. **Die Fragmente der griechischen Historiker (FGH)**. Leiden: Brill, 1954–1959.
- JEBB, R. C. **Bacchylides**. Cambridge: Cambridge University Press, 1905.
- JEBB, R. C. **Myth, locality and identity in Pindar's Sicilian odes**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- LURAGHI, N. **Tirannidi arcaiche in Sicilia e Magna Grecia: da Panezio di Leontini alla caduta dei Dinomenidi**. Florença: Leo S. Olschki, 1994.
- MAEHLER, H. **Bacchylides: carmina cum fragmentis**. Leipzig: K. G. Saur Verlag GmbH, 2003.
- MALKIN, I. **Religion and colonization in ancient Greece**. Leiden: Brill, 1987.
- MANN, C. **Athlet und Polis im archaischen und frühklassischen Griechenland**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.
- MÉAUTIS, G. **Pindare le Dorien**. Neuchâtel: Éditions de la Baconnière, 1962.
- MEZGER, F. **Pindars Siegeslieder**. Leipzig: S. Hirzel, 1880.
- MILLER, A. M. **Pindar: The Odes**. Oakland: University of California Press, 2019.
- MOMMSEN, T. **Pindaros Werke**. Leipzig: Teubner, 1846.
- MORGAN, K. A. **Pindar and the construction of Syracusan monarchy in the fifth century B.C.** Oxford: Oxford University Press, 2015. (Greeks Overseas).
- MORRISON, A. D. **Performances and audiences in Pindar's Sicilian victory odes**. Londres:

- Institute of Classical Studies, 2007.
- MOST, G. W. **The measures of praise:** Structure and Function in Pindar 's Second Pythian and Seventh Nemean Odes. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985. (Hypochoerata, 84).
- OATES, J. F. An Interpretation of Pindar. **American Journal of Philology**, v. 84, pp. 377–389, 1963.
- OLDFATHER, C. H. (ed. e trad.). **Diodorus Siculus:** Library of History, Volume IV: Books 9–12.40. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1946. (Loeb Classical Library 375).
- PRADO, A. L. de A. de A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 19, n. 2, pp. 298–299, 2006. DOI: 10.24277/classica.v19i2.123. Acesso em: 15 mai. 2022.
- PUECH, A. **Pindare:** Pythiques. Paris: Les Belles Lettres, 1922.
- ROBERTSON, D. S. Pindar and his Influence. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, v. 127–129, p. 35, 1924.
- RUCK, C. A. P.; MATHESON, W. H. For Hieron: The Poet 's Apologia (Pindar, "Pythia II"). **Arion**, Boston University Trustees, Vol. 4, No. 2, Summer 1965, pp. 181–187. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20162948>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- RUCK, C. A. P.; MATHESON, W. H. **Pindar:** Selected Odes. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1968.
- SCHADEWALDT, W. **Der Aufbau des Pindarischen Epinikion.** Halle: Niemeyer, 1928.
- SCHMID, W. Zu Pindaros Pythia 2, 72. **Philologus**, Berlin, v. 73, n. 1–4, pp. 446–447, 1916. DOI: <https://doi.org/10.1524/phil.1916.73.14.446>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- SCHROEDER, O. Untersuchungen zu Pindar. **Philologus**, v. 61, pp. 356–373, 1902.
- SCHROEDER, O. **Pindars Pythien.** Leipzig: Teubner, 1922.
- SNELL, B.; MAEHLER, H. (ed.). **Pindari carmina cum fragmentis:** Pars I: Epinikia. 8. ed. Leipzig: Teubner, 1987. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).
- TORRANO, J. A. A. **Eurípides:** Teatro completo – Volume I. São Paulo: Iluminuras, 2015. E-book.
- VAN THIEL, H. (org.). **Homeri Ilias.** 2. ed. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2010 [1996]. (Bibliotheca Weidmanniana, v. 2).
- VON DER MÜHLL, P. Pindar und seine Zeit. **Museum Helveticum**, v. 15, pp. 215–221, 1958.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012 [1972].
- WEST, M. L. (ed.). **Aeschlyi Eumenides.** Stuttgart: B. G. Teubner, 1991.
- WHITE, R. E. Note on Pindar 'Pythian' II. 161 sqq. **The Classical Review**, Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, v. 12, n. 4, p. 208, May 1898. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/691187>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. von. Pindarstudien. **Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften**, v. 1901, pp. 1294–1317.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. **Pindaros.** Berlin: Weidmann, 1922.
- WILSON, Peter. Dancing for Free: Pindar's Kastor Song for Hieron. **Classical Antiquity**, Berkeley, v. 38, n. 2, pp. 298–362, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1525/ca.2019.38.2.298>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- YOUNG, David C. Pindar Pythians 2 and 3: Inscriptional ποτέ and the "Poetic Epistle". **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 87, pp. 31–48, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/311249>. Acesso em: 25 jan. 2024.

